

RECENSÕES

BADIA, Gilbert et alii. *Les barbelés de l'exil*. Grenoble, Presses Universitaires, 1979. 443 p.

Na França, uma equipe de germanistas e historiadores constituída na Universidade de Paris VII, Vincennes, sob a liderança, de Gilbert Badia tem se dedicado ao estudo da emigração alemã na França no período compreendido entre 1933 e 1944.

Em fins de fevereiro de 1933 quando arde a Reichstag, muitos alemães se sentiram ameaçados pela polícia nazista e fugiram para a França que além de ser, entre muitos outros, um país que mantinha fronteira com a Alemanha, guardava, ainda, a sua reputação de liberalidade, hospitalidade e tolerância.

O difícil trabalho de pesquisa que examinou os documentos — nem sempre completos e de fácil acesso — relativos a essa imigração, que trouxe à luz muitos deles ainda inéditos, que ouviu testemunhas foi reunido num volume intitulado **Les barbelés de l'exil** e publicado pelas Presses Universitaires de Grenoble. Trata-se de uma obra por vezes despojada, informativa, precisa. Porém, ao evocar a sorte individual e coletiva desses emigrados que tentaram fugir dos campos de concentração da Alemanha e acabaram, em 1939, se encontrando atrás de outros arames farpados, desta vez no próprio país que os havia acolhido é também, e amiúde, comovente. De forma objetiva, traz respostas a perguntas bem simples: quem emigrou, quando, porque. Respostas que dão ensejo a outras perguntas: quais as condições de vida desses imigrantes que saídos às pressas de seu país levavam consigo apenas o essencial, umas poucas roupas e algum dinheiro? Quais suas possibilidades de sobrevivência num país economicamente em crise onde era muito fácil tornar-se xenófobo diante do inimigo "hereditário" e da propaganda de uma imprensa preocupada em achar bodes expiatórios? Delineiam-se, então, destinos (sofrimento, dor, miséria) à mercê do Estado que, demiúrgico, os condena. É quando o livro não mais pode responder, mas levar à reflexão, à escolha.

Judeus, operários, intelectuais, moços, velhos, políticos de esquerda, militantes comunistas ou simplesmente todos aqueles que se opunham ao nacional-socialismo começaram a chegar nas fronteiras pelos primeiros dias de março de 1933. Nas suas diferenças de credos religiosos e de convicções políticas, nas suas diferentes de classes sociais, de nível cultural ou, simplesmente de idade, um denominador comum: todos acreditavam que o exílio seria breve.

Na França, os grandes jornais que enviavam seus correspondentes à Alemanha, registravam a chegada ao poder dos nazistas, o incêndio da Reichstag, as perseguições aos partidos e às organizações de esquerda e, por vezes, apresentavam Hitler como um personagem ridículo e grotesco. Nesse momento, a opinião pública francesa é hostil aos nacionais socialistas e aos seus dirigentes, mas não chega a entender o porquê da necessidade de um alemão abandonar o seu país. Entre os partidos políticos apenas os de esquerda irão manifestar simpatia pelos adversários de Hitler. Os de direita, discretamente (ou secretamente) admiram o homem forte do Terceiro Reich.

A incompreensão, a desconfiança que se manifesta em relação aos primeiros emigrados de 1933 vai-se transformando com o passar do tempo e dos acontecimentos e em 1939 já reina uma xenofobia brutal. E o desemprego, as péssimas condições de vida e a solidão em que vivem os emigrantes, na verdade pouco representam se comparados aos campos de concentração franceses e as viagens sem volta para os campos de extermínio na Alemanha que se seguiram a esses primeiros tempos. Naqueles, os exilados viram passar os dias e depois os anos. Longos dias sem trabalho, longos dias sem diálogo, longos dias em que apenas uma única realidade existia: a insegurança. Impedido de trabalhar pelas regulamentações que sucessivamente os foram marginalizando cada vez mais, impedido de se comunicar antes de mais nada pelo problema do idioma e, muitas vezes, por uma situação psicológica que o induzia a se afastar de seus compatriotas, impedido de ter uma existência legal porque jamais conseguia estar em regra com a polícia. Como diz Gilbert Badia: "na eterna busca de uma carteira de identidade", de um documento, qualquer que fosse, mas que o protegesse de uma expulsão repentina e sem motivo. Houve o tempo dos suicídios; também, para uns poucos, uma viagem de pesadelo para chegar à América e viver. São estes testemunhos conhecidos. Restava, porém, contar a resistência anti-nazista feita através de livros impressos em caracteres minúsculos e sobre papel muito fino e que eram introduzidos na Alemanha em embalagens de xampu ou sob capas nas quais eram impressos títulos que se referiam a assuntos inofensivos, como jardinagem, por exemplo. Ou de artigos em francês publicados nos jornais franceses ou de livros publicados em alemão na França.

Porém, nos anos de 1935, 1936 e 1947 o Terceiro Reich não cessa de se afirmar. A participação dos alemães nos Jogos Olímpici-

cos, na Exposição Universal de Paris em 1937, a adesão do povo alemão ao governo, um equilíbrio financeiro a substituir a bancarrota prevista tornam cada vez mais difícil para o exilado a elaboração de um programa para uma Alemanha democrática que a medida em que passam os dias mais e mais significa uma utopia. Um esforço contra a opressão e o terror existiu. Foi, porém, uma resistência que fracassou. "Não conseguiu se unificar, não constituiu um governo no exílio, não conseguiu derrubar Hitler, nem mesmo mobilizar contra o regime nacional-socialista uma facção numericamente importante do povo alemão" (p. 421).

Para os autores da obra, escrever a história dessa resistência, dessa oposição a Hitler no interior e fora das fronteiras da Alemanha, é completar a História do Terceiro Reich. **Les barbelés de l'exil** contém os primeiros resultados de uma pesquisa que se quer mais extensa. No momento, estes vários trabalhos que o compõem, além do próprio interesse que os impulsiona — preencher uma lacuna da História Alemã Contemporânea — alcançam já um momento muito importante ao se constituírem, sobretudo, a afirmação de que os fatos podem e devem ser encarados sob diferentes ângulos. E este que abordam, até o presente, tinha sido esquecido pelos historiadores.

Sob este aspecto, podemos lembrar a posição de alguns latino-americanos cujas colocações sobre a História da América contrariam toda a historiografia oficial estratificada no esquema colonialista, e que ao longo dos anos transmitiu verdades discutíveis com a convicção daqueles que detém o poder ou daqueles cuja visão é limitada pelo dogmatismo mais vulgar. Para esses latino-americanos vivendo em territórios que permitem (ou permitem mais ou menos) a abordagem de determinados assuntos, fatos ou personagens, a história dos exílios, dos auto-exilados da América (e falemos apenas destes últimos tempos) é um filão inesgotável. Se da Alemanha para a França foi uma emigração numericamente modesta e limitada por datas precisas, a emigração/imigração na América Latina, coerente com as proporções geográficas e com seu contexto conturbado, atinge enormes proporções e não somente no que se refere ao elevado número de emigrantes/imigrantes, mas, também, no que se refere à qualidade.

Estudar, então, essas migrações é completar a História da América, mostrar a sangria que lhe é imposta por um punhado de megalômanos cujo ridículo é tão incomensurável que não lhes permite o discernimento entre governar e auto-intitular-se governante.

E, sobretudo, mostrar que a história das minorias, ao proporcionar uma visão dialética dos fatos leva à discussão e à reflexão. Se esta discussão e reflexão são válidas (necessárias) em países como a França onde a liberdade de pensamento e de expressão é prática antiga e, dentro do possível, realizada, a sua prática em países que ainda não aprenderam ou estão em vias de aprender a usá-las, é primordial.

Cecilia Teixeira de Oliveira Zokner

CASTAGNOLA, Luigi. Gramática brasileira da língua italiana. Belo Horizonte, São Vicente, 1978. 248 p.

O autor tem-se interessado, nessa recente publicação, em dirigir o discurso cultural aos brasileiros. O próprio título da obra nos informa de que se trata da questão da língua italiana e da posição nela da língua portuguesa, ou melhor, brasileira.

Nesse estudo, a língua italiana, científica de desenvolvimento, é visualizada através de afinidades e/ou dessemelhanças estruturais, na análise contrastiva dos idiomas Italiano-Português.

Colhendo o fruto de sua experiência de professor e estudioso, o autor sintetiza os elementos estruturais e as características gerais, percorrendo em seguida os diversos momentos enriquecidos pelas suas intervenções.

Partindo da análise fonológica, a atenção do autor se vira para o campo morfológico e, finalmente, para uma escolha antológica.

Um parte do estudo fornece exercícios, conversações e modelos de correspondência. O autor admite a possibilidade de ampliar, num estudo ulterior, a parte prática, embora convicto de que, uma vez fundamentadas as estruturas de uma língua, sua fixação depende da criatividade e das necessidades do receptor.

À nossa pergunta do porquê da figura — rosa — na capa, o autor nos respondeu: "Uma língua é bela tal qual uma rosa quando falada esteticamente e portanto com respeito à gramática".

A dedicatória, também, foi finamente filtrada pelo autor: uma homenagem particular àqueles que com brilhantismo se dedicaram e se dedicam ao estudo da fala e da escrita.

Carolina Massi Albanese

SILVA, Iria Maria Renault de Castro. *Lingua italiana; dialoghi ed esercizi*. Belo Horizonte, Interlivros, 1979. 170 p. Ilustrado.

Na "Ressegna Brasiliana di Studi Italiani" de São Paulo (n.º 3, 1970, p. 77-79) fizemos um elenco de livros didáticos publicados no Brasil para o estudo da língua e da literatura italiana. Conseguimos juntar 31 títulos.

Salientávamos, naquela ocasião, que a resenha não tinha a finalidade de analisar as obras para fazer críticas, mas para ajudar os professores de italiano, no Brasil, fornecendo útil bibliografia. Com efeito, publicar um livro didático para o estudo do italiano não é coisa fácil, e quem consegue lançar um livro dessa natureza, merece louvores e demonstra muita coragem.

Portanto o livro publicado pela Doutora Iria Maria Renault de Castro Silva, merece o aplauso de todos aqueles que lecionam e estudam o italiano no Brasil.

A Autora é Titular de Língua e Literatura Italiana na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Merece elogios não somente pelo livro que ela escreveu e publicou, mas também pelo amor que devota à língua italiana, a língua de seus avós, os quais despertam na professora a paixão pela língua de Dante. Por isso, quis ela dedicar seu manual "Alla memoria dei miei nonni che hanno saputo svegliare in me l'amore alla loro lingua".

O livro contém muitas ilustrações, que o tornam mais agradável. O paradigma do manual é o seguinte:

Inicialmente há umas páginas esclarecendo o método adotado, a fim de orientar o docente que usar o manual. Depois se seguem dez lições, nesta ordem:

Lezione 1: Incontro alla stazione.

Lezione 2: Una telefonata.

Lezione 3: Al ristorante.

Lezione 4: Natale.

Lezione 5: Un viaggio in treno.

Lezione 6: Nell'albergo Tritone.

Lezione 7: Dal fioraio.

Lezione 8: Dal medico.

Lezione 9: Ricordi di scuola.

Lezione 10: Dopo la spesa.

Cada lição é dividida em: diálogos, explicações gramaticais,

exercícios orais, diversos tipos de exercícios, versões, conversações.

Todos os métodos, quando usados por sábio professor, dão bons resultados, contanto que os alunos tenham vontade de estudar. Pois, sem a colaboração ativa dos estudantes, nenhuma disciplina é assimilada pelos alunos.

A Professora Íria quis concretizar, no seu manual, o método por ela aplicado durante longos anos de atividade docente. Os amantes do italiano tirarão certamente proveito.

Aqui felicitamos a Autora pela sua publicação e lhe agradecemos ter colocado nas mãos de professores e alunos um livro

útil.

Luigi Castagnola